

**FORMAÇÃO DE AGENTES MULTIPLICADORES DE DEBATES  
INCLUSIVOS SOBRE DROGAS: LIMITES E POSSIBILIDADES DA  
ESTRATÉGIA PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Francisco José Figueiredo Coelho (ensinodeciencias.ead@gmail.com)<sup>1,2</sup>

Priscila Tamiasso-Martinhon (pris-martinhon@hotmail.com)<sup>2</sup>

Célia Sousa (sousa@iq.ufrj.br)<sup>2</sup>

**RESUMO**

As discussões educacionais em torno das drogas têm atravessado a vida dos jovens e influenciando distintos contextos de convivência social. O uso de psicotrópicos entre eles não é algo incomum e se instaura a necessidade de uma sociedade com jovens esclarecidos e capazes de tomar decisões autônomas e democráticas. Nessa perspectiva, o conhecimento sobre a temática favorece um comportamento maduro frente ao uso problemático dessas – quer lícitas ou ilícitas - sobretudo buscando reduzir ao máximo os danos à saúde. A partir disso, surgiu o projeto de extensão “Drogas, Educação, Saúde e EJA: Sociedade ↔ Escola ↔ Universidade”, uma parceria entre escolas estaduais e o Instituto de química da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujo propósito é oferecer uma formação esclarecedora e ausente de mitos e prejulgamentos aos alunos da Educação de Jovens e Adultos para que se tornem multiplicadores de debates inclusivos de mesmo teor com os alunos do ensino fundamental. Nesse resumo expandido analisaremos o desenho metodológico dessa ação extensionista à luz da pedagogia da autonomia versada por Paulo Freire. Oportunizamos assim uma discussão sobre a saúde e o mundo das drogas centrada no eixo Relação Universidade e Escola, colaborando com ações pedagógicas que promovam troca de experiências entre sujeitos, desenvolvimento do senso crítico para a cidadania juvenil e prevenção para a qualidade de vida em torno do tema drogas no cenário da educação pública no Estado do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Educação sobre drogas, Agentes multiplicadores, Educação de Jovens e Adultos.

**1.Introdução**

Atualmente as discussões educacionais migram para temas polêmicos e que atravessam constantemente a vida dos estudantes e seus familiares, influenciando distintos contextos de convivência social. Um deles é a questão das drogas, preocupação que não é recente e tem sido sinalizada por documentos oficiais brasileiros desde o final da década de 90. A título de exemplo citamos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sobre Saúde, ao destacarem que embora houvesse gastos vultosos no combate às

---

<sup>1</sup> Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz; Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira (CEPAP), SEEDUC-RJ

<sup>2</sup> Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA) - Departamento de Físico-Química – IQ – UFRJ.

drogas, não se notavam impactos sensíveis, a não ser o de situar a questão como caso de polícia (BRASIL, 1998; ACSELRAD, 2015).

O uso de entorpecentes não se configura como um fenômeno contemporâneo que atinge somente os adolescentes, sobretudo num mundo globalizado cuja informações são obtidas em tempo real pelo acesso às redes sociais. O fato é que não existem evidências de que isso deixará de acontecer (CARNEIRO, 2002; ACSELRAD, 2015) e nos parece cabível prezar por um modelo de prevenção que não se preocupe com a apologia da proibição, mas sim com o entendimento de que sujeitos esclarecidos podem tomar decisões autônomas e mais democráticas a favor de como se comportar diante das drogas, ou seja um modelo centrado na minimização ou Redução de Danos (RD) à saúde desses escolares (COELHO, MONTEIRO, 2017; SODELLI, 2011).

Aliados a tais argumentos, solidificou-se a proposta do Projeto de extensão intitulado “Drogas, Educação, Saúde e EJA (DESEJA): Sociedade ↔ Escola ↔ Universidade”, aprovado por unanimidade na 6ª Reunião ordinária da congregação do Instituto de química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2016. Este evento teve início a partir do trabalho que o primeiro autor desta produção desenvolveu nos últimos anos, no Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira (CEPAP). Portanto, em escritos anteriores a ação pedagógica recebeu o nome de Projeto E3 (Encontro de Experiências com a EJA), como descrito em Coelho (2016). Tem como propósito oferecer uma formação esclarecedora e ausente de mitos e julgamentos aos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para que sejam multiplicadores de debates inclusivos com os alunos do ensino fundamental, sobretudo com alunos do 9º ano de escolaridade. É cabível lembrar que recentemente o projeto de extensão abarca outra escola, o Colégio Estadual Leopoldina da Silveira e tem formado multiplicadores também do ensino médio regular.

Nesse trabalho, analisaremos a metodologia adotada no Projeto DESEJA, que aqui chamaremos de estratégia de formação de agentes multiplicadores para debates inclusivos sobre drogas, partindo dos ideais da pedagogia da autonomia (FREIRE, 2011). Nesse sentido, este resumo expandido se adequa ao X Encontro Saúde e Educação para a Cidadania da Decania/CCS, oportunizando uma discussão sobre a saúde e o mundo das drogas centrada no eixo Relação Universidade e Escola, visto que discutimos uma metodologia (com distintas etapas) de um projeto de Extensão universitária. Nosso intuito com esta produção é o de colaborar com a busca de qualidade de ensino das Escolas Públicas de Educação Básica do Estado do Rio de Janeiro, priorizando um currículo aberto e flexível com ações preventivas sobre o tema drogas<sup>3</sup>, que possa servir de modelo para novas práticas docentes, favorecendo decisões sadias e qualidade de vida para estudantes da EJA e da comunidade escolar como um todo.

---

<sup>3</sup> Ressaltamos que a Lei 11.343/2006 (itens X e XI) oferece garantias pedagógicas ao destacar como princípios e diretrizes das atividades de prevenção do uso indevido de drogas: (X) – O estabelecimento de políticas de formação continuada na área da prevenção do uso indevido de drogas para profissionais de educação nos 3 (três) níveis de ensino; (XI) - a implantação de projetos pedagógicos de prevenção do uso indevido de drogas, nas instituições de ensino público e privado, alinhados às Diretrizes Curriculares Nacionais e aos conhecimentos relacionados a drogas

## **2. Procedimentos metodológicos: da formação geral à troca de experiências concretas dos alunos da EJA com os alunos adolescentes.**

Como descrito nos trabalhos de Coelho (2016) e Coelho, Martinhon e Sousa (2016), a estratégia da formação de multiplicadores foi baseada em três pilares: (1) uma breve formação geral em classe (incluindo uma abordagem ampla para todos os alunos da disciplina de biologia da EJA); (2) etapa de formação específica a partir de uma triagem com os alunos mais dinâmicos e participativos; (3) Etapa de culminância ou mediação propriamente dita. Nesse projeto o conceito de mediação está ligado a permitir através do diálogo que aconteçam conexões de ideias e pensamentos pela troca de experiências concretas dos alunos multiplicadores da EJA com os adolescentes, buscando favorecer um processo de aprendizagem pela troca de conhecimentos e esclarecimento. A fundamentação teórica desse projeto de extensão está baseada na pedagogia da autonomia freireana e na formação para o desenvolvimento do senso crítico (FREIRE, 2011).

A etapa final de mediação dos debates foi caracterizada pelas discussões e mediações dos alunos da EJA com os alunos do ensino regular, orientados pela equipe pedagógica do projeto. Os alunos multiplicadores foram orientados, ao longo do processo, a ouvirem com atenção os adolescentes e, de forma lúdica e agradável, construírem espaços de diálogo e aprendizagem de forma colaborativa sobre o tema drogas. No ano de 2016 essa etapa aconteceu com duas turmas do 9º ano regular. Dentre os nove multiplicadores inicialmente selecionados, apenas sete realizaram os debates, divididos em dois grupos. Em cada sala um aluno da EJA foi eleito gerente de seu grupo e responsável pela organização e adoção das estratégias que fomentaram os debates, como descrito por Coelho (2016). Os alunos multiplicadores foram certificados e participaram de um feedback coletivo (consideraremos como parte da etapa de multiplicação) ao final do evento, cujo espaço de troca de experiências e percepções dos alunos multiplicadores fomentou novos olhares em torno das ações multiplicadoras. A observação direta das interações nos debates e no encontro de feedback nutriram as discussões sobre a estratégia de formação desses agentes multiplicadores. Partindo desse contexto é importante salientar que esse método foi pensado, realizado e analisado partindo do contexto de uma educação sobre drogas mais autônoma e participativa e que não esteja centrada no medo ou na punição. Se aproxima, portanto, dos ideais de autonomia e dialogismo verdadeiro propostos por Freire (2011).

## **3. Resultados preliminares e discussões: limites e possibilidades da estratégia de formação dos multiplicadores**

Em cada fase do projeto, temas disciplinares diversos foram envolvidos. Não apenas assuntos básicos sobre biologia e saúde, visto que o tema drogas envolve uma série de conceitos e práticas científicas. A partir de uma abordagem centrada na redução de danos (COELHO, MONTEIRO, 2017), estimulando um diálogo transdisciplinar e transversal, as práticas do “saber ouvir” (aspas nossos) foram bem desenvolvidas pelos multiplicadores da EJA. Isso envolveu discussões acerca da Legislação brasileira, efeitos terapêuticos, efeitos danosos e reposicionamento social (COELHO *et al.*, 2016). Alguns, mais ansiosos, pela falta de experiência na condução de debates, por vezes chegavam a monopolizar as discussões. Contudo, os líderes de cada grupo em parceria com os coordenadores do projeto conseguiram contornar o processo e direcionar a fala para os alunos do 9º ano. Isso já era esperado porque a maioria dos multiplicadores não tinha experiência com liderança ou trabalhos em grupos (sequer em suas experiências

profissionais). Os jovens da EJA mais engajados e com perfil de mediação foram eleitos líderes, conforme descrito nas etapas iniciais do projeto.

A estratégia adotada tem suas limitações, como qualquer outra ação educativa. Caso os alunos não tenham experiência com o público adolescente, pode dificultar o processo, mas não o impede. Por isso, a seleção (triagem) dos alunos multiplicadores depende das duas etapas anteriores, onde a análise do perfil desses jovens é considerada, considerando que se trata de uma formação a curto prazo. Essa limitação inicial é resgatada em parte dos depoimentos dos alunos partícipes no feedback coletivo.

Conforme destacado pelos multiplicadores, o Projeto DESEJA foi uma possibilidade de praticar o respeito em relação à opinião do outro, algo, segundo eles, difícil de ser realizado numa sociedade onde a imposição impera. Destacaram a dificuldade que tiveram em gerenciar a divergência de opiniões (mediação) entre os escolares do ensino regular. Contudo, reconheceram que o Projeto os motivou ao exercício da autonomia e liderança. Os multiplicadores ressaltaram os receios prévios sobre falar algo “inadequado” com os alunos, um medo que persiste também com os professores e familiares (ACSELRAD, 2015). Isso se tornava mais tenso à medida que os coordenadores os observavam. A ruptura da tensão aconteceu aos poucos, nas ocasiões em que os profissionais saíam da sala. Essa saída ampliou o contato dos multiplicadores com os alunos do ensino fundamental e, quando os coordenadores retornavam, eles estavam mais situados e inseridos com os adolescentes. Acreditamos que momentos isolados entre os multiplicadores e os alunos do ensino regular fortalecem a etapa de multiplicação, principalmente antecipando os debates sobre drogas propriamente ditos. O que notamos e sugerimos nessa estratégia é que a ausência dos coordenadores deve ser por um curto período para que os multiplicadores sejam monitorados em caso de surgimento de conflitos ou linguagem inadequada com o público adolescente.

Também analisamos como potencialidades dessa etapa de multiplicação para os alunos da EJA as competências de liderança, trabalho em equipe, educação emocional (autocontrole e exercício da escuta mesmo em caso de discordância de opiniões) e argumentação (indagar os alunos para que eles se pronunciassem). Esses elementos foram estrategicamente pensados para favorecer e recepcionar os debates sobre drogas com os adolescentes e torná-los mais inclusivos. Acima de tudo, aprimoram a convivência social entre os jovens e ação de se colocar no lugar do outro, ações convidativas para o pleno desenvolvimento no mercado de trabalho, algo que deveria ser mais estimulado no cenário andragógico.

#### **4. Notas a considerar**

Embora apresente limitações, como a inexperiência de alguns multiplicadores em lidar com os adolescentes, o Projeto DESEJA se converte numa possibilidade de aprimorar o processo formativo desses sujeitos, sobretudo no ensino noturno. Esse projeto de extensão sobre drogas esclarece mitos e associa experiências concretas desses alunos. Servem como cenário acolhedor onde os adolescentes têm oportunidade de debater sobre assuntos relacionados à saúde e qualidade de vida. Agregar turnos diferentes nessas ações fomenta uma aprendizagem mais ampla e que não está centrada apenas na imagem do professor regente. Traz os multiplicadores da EJA como sujeitos transformadores da escola, integrando-os à comunidade escolar. A partir do projeto DESEJA, tem sido

possível conhecer mais sobre a vida dos adolescentes, sobre a escola e desenvolver competências discentes que se tornem exercícios de convivência social e cidadania. Construímos assim um olhar plural menos estigmatizado em relação ao tema drogas para ambos os grupos de alunos.

## Referências

ACSELRAD, G. (2015). **Quem tem medo de falar sobre drogas?** Saber mais para se proteger. (1.ed., p. 164). Rio de Janeiro: FGV.

CARNEIRO, H. As necessidades humanas e o proibicionismo do século XX. **Revista Outubro**, n.6, p. 115-128, fev. 2002.

COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S. COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: um olhar transversal rumo à democracia. In: IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias. Rio de Janeiro, 6, 2017a, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:<http://www.seminarioredes.com.br/ixredes/adm/trabalhos/diagramados/TR311.pdf>>. Acesso em 21/10/2017.

BRASIL. Lei n. 11.343, de 23 de agosto de 2006. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Saúde. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

COELHO, F. J. F. Projeto E3 - Encontro de Experiências com a EJA: formando multiplicadores para debates inclusivos sobre drogas na escola. **Revista Educação Pública**, v. 16, ed. 21, outubro. 2016.

COELHO, F. J. F.; MARTINHON, P. T., SOUZA, C. História, Ciência e Reflexões: Uma proposta transdisciplinar da inclusão de debates sobre drogas nas escolas. In: Scientiarium História IX, 9º Congresso em História das Ciências e das técnicas e Epistemologia, nov. 2016, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh9/SH/trabalhos%20posterres%20completos/HIST%C3%93RIA-CIENCIA.pdf>>. Acesso em 26/10/2017.

COELHO, F. J. F.; MARTINHON, P. T.; PORTO, P.; ARAUJO, M. MEMÓRIAS SOBRE USO E ABUSO DE DROGAS: Abrindo espaços de diálogo e aprendizagem na NEJA e pensando novas formas de abordagem do tema no ensino noturno. 2016. TCC (Especialização) – NUEC, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2011.

SODELLI, M. A abordagem de redução de danos libertadora da prevenção: ações redutoras de vulnerabilidade. In: SILVA, E. A; DE MICHELI, D. (Orgs.). **Adolescência, uso e abuso de drogas: uma visão integrativa**. São Paulo: FAP/Unifesp, 2011. p. 599-616